

PROCESSOS FORMATIVOS E A CONSTRUÇÃO DE AUTONOMIA

Entre as ações de responsabilidade da Cooperação brasileira em Timor-Leste está a formação docente, nas modalidades inicial e contínua. A preparação e acompanhamento do docente no desenvolvimento de sua prática são imprescindíveis nos processos de ensino aprendizagem em qualquer contexto. Em Timor, essa importância é acentuada, haja vista a língua portuguesa (língua não materna da maioria dos timorenses) configurar como uma das línguas oficiais e de instrução do país.

Sobre o tema formação de professores, sabemos que expressões como “formação em serviço, numa perspectiva de aprendizagem ao longo da vida”, “professor reflexivo”, “formação de professores baseada na investigação”, “importância das culturas colaborativas”, entre outras, fazem parte de um discurso que se tornou dominante tanto no contexto acadêmico quanto em orientações políticas e, por que não, em algumas práticas.

Sabemos ainda, que o campo da formação de professores/as, enquanto área de estudo, pode ser (e tem sido) analisado a partir de diferentes enfoques e paradigmas, no entanto, como destaca o autor português António Nóvoa “estamos de acordo quanto ao que é preciso fazer, mas raramente temos conseguido fazer aquilo que dizemos que é preciso fazer”.

No campo dos discursos, a voz recorrente destaca a construção de ações, projetos e programas de formação que sejam contextualizados, que estimulem uma perspectiva crítico-reflexiva e que propiciem os meios para um pensamento autônomo. Contudo, a questão central parece de fato residir em: como fazer aquilo que dizemos ser preciso fazer? De forma mais pontual, analisando nossa realidade em Timor-Leste, como os programas de cooperação internacional têm conduzido seus trabalhos de modo a fomentar posturas e práticas autônomas?

A transitoriedade inerente à condição daqueles que atuam como cooperantes em Timor é fator que incentiva ainda mais a construção de posturas e práticas autônomas na formação dos docentes timorenses. Isso porque, por saber que temos um prazo de permanência no país, destacamos ser preciso estruturar as ações de modo a criar condições para que os projetos tenham continuidade. Mas, nossas práticas estariam de fato coerentes com esse propósito? Estamos de fato criando condições e possibilidades?

A cooperação brasileira, assim como as demais, deve buscar em suas práticas formativas: problematizar, refletir e encontrar

coletivamente (com os pares timorenses) possíveis soluções para as questões que envolvem o desenvolvimento da educação no país, ou seja, fazer junto e não fazer por (alguém). Não deveríamos ocupar espaços, mas sim partilhá-los.

A literatura acadêmica tem apontado que a busca pelas autonomias nos processos formativos relaciona-se com a construção de posturas reflexivas e pro-ativas. Assim, torna-se fundamental construir nos espaços de formação de professores/as situações em que os formandos/docentes timorenses coletivamente reflitam e solucionem aquelas situações que não estão listadas em manuais a partir de técnicas específicas, mas são por outro lado, incertas, inesperadas, singulares, etc., ou seja, não são resolvidas a partir de um repertório de conhecimentos que já se possui, necessitando assim, de uma postura autônoma frente ao desafio e de uma reflexão sobre a ação realizada.

Importante destacar que a autonomia profissional não é uma “condição natural”. As posturas e ações autônomas são aprendidas e desenvolvidas e essa aprendizagem só se fará através da disponibilização de condições para isso. Dessa forma, em relação à formação docente em Timor-Leste, cabe a pergunta: temos conseguido fazer aquilo que dizemos que é preciso fazer?

Franciane Rosseto Soares
Mestre em Ciências da Educação (PQLP/CAPES)
e-mail: fran_rosseto@hotmail.com

A falar de amor e união: experiências de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa

Em Timor-Leste, casamento, barlaque, tradição matrimonial e famílias têm sido constantes objetos de estudo de sociólogos e antropólogos que buscam entender os valores e costumes da sociedade timorense. E, com razão. Se olharmos para a história de Timor-Leste, ou mesmo para as ruas, vemos claramente a forte característica da união desse povo.

Esse elo, “hamutuk malu”, ganha sentido a partir dos discursos religiosos, das causas sociais, das ideologias políticas, da tradição familiar e, na língua tétum, ao referirem-se a si mesmos como timor-oan (filho de Timor), pode-se perceber a notória valorização do coletivo nessas terras.

As temáticas envolvendo união estão muitas vezes ligadas às questões de negociação. Entretanto, é possível observar, nesses contextos, que um valor humano também motiva os filhos de Timor: o amor.

E devo dizer que, em tempos de implementação da língua portuguesa, ao ministrar aulas para jovens e idosos, nunca nenhum tema souo-lhes mais envolvente em sala de aula do que tópicos nos quais falava-se de amor.

Na busca pela oralidade em língua portuguesa, os temas amor romântico, namoro e casamento despertam uma motivação particular, não observada em outros tópicos

conversacionais, nas minhas atuais práticas, com 144 jovens estudantes de Língua Portuguesa.

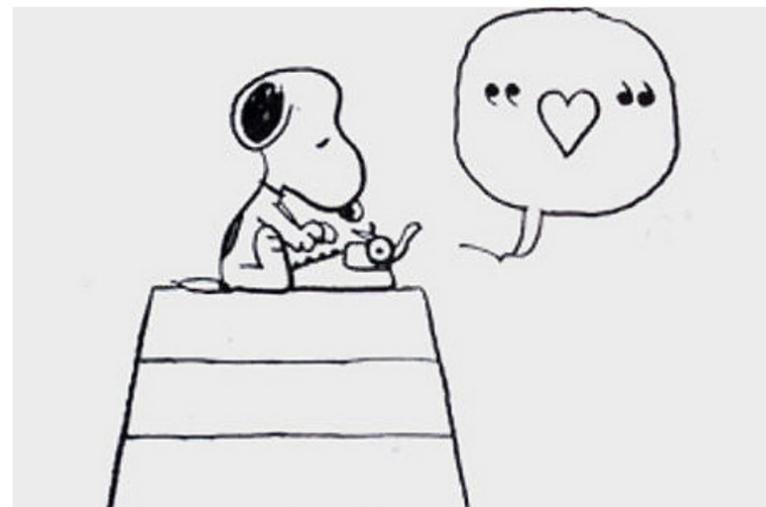
Entre os jovens universitários de 18 a 22 anos de idade, os sorrisos, espontâneos, se abrem. Todos querem falar, aprender novas palavras. Exemplificar sobre o amor. As canções de amor brasileiras têm considerável popularidade em Timor, e quando ouvidas e trabalhadas em sala de aula, mostram-se eficazes desde o ensino gramatical, desenvolvimento da compreensão auditiva até pautas como vocabulário, compreensão textual e conversação.

A realidade inerente à juventude está, dentre outras questões, pautada na curiosidade da vivência amorosa e matrimonial. A partir desta curiosidade, podemos elaborar exemplos e tópicos conversacionais que trazem um verdadeiro desejo para aprender a língua, pois esta acaba se tornando um código de expressão para a identidade individual e com isso, constrói-se um sentido para investir no aprendizado da língua portuguesa.

Em exercícios, construímos diálogos, interpretamos as canções de amor enquanto texto e elaboramos resumos e pequenas resenhas nos quais a língua portuguesa

fez-se código para tal expressão.

O conjunto de atividades, que uniu o conteúdo programático previsto no guia da disciplina aos temas do amor e da união, mostrou-se eficaz na participação e rendimento escolar, mas principalmente, mostrou a felicidade na recepção da língua portuguesa, questão que desafia diariamente a todos os que vivem a realidade das salas de aula do país.



© Peanuts by Schulz

Juliana Paiva Santiago
Mestre em Linguística (PQLP/CAPES)
e-mail: julisantiago.jps@gmail.com>